

# Dialogismo, léxico e ensino: uma proposta teórico-metodológica para o trabalho com o vocabulário e sua função coesiva

*Dialogism, lexicon and teaching: a theoretical-methodological proposal on vocabulary and its cohesive function*

André Felipe Pereira de Souza<sup>1</sup>  
Ângela Francine Fuza<sup>2</sup>  
Ana Claudia Castiglioni<sup>3</sup>  
Weigma Michely da Silva<sup>4</sup>

## RESUMO

É inegável que o ensino do léxico não tem lugar de destaque nas aulas de língua portuguesa (ANTUNES, 2012). E, normalmente, as noções de vocabulário ficam limitadas a rápidas exposições sobre sinônimos e antônimos ou mesmo à lista de significados. Neste estudo, ao partir do gênero discursivo crônica, buscamos compreender como a prática de análise linguística, com ênfase no estudo do léxico e sua função coesiva, pode ser desenvolvida, em situações de ensino de língua. Para tanto, recorremos à concepção dialógica defendida pelo Círculo de Bakhtin e aos debates dessa teoria no Brasil, com Geraldí (2010), Perfeito (2005), Rojo (2005), Menegassi e Polato (2017) e outros estudiosos que concebem o léxico como parte do processo de interação social (ANTUNES, 2010; 2012; SEIDE, 2010; ILARI, 2019). Em síntese, acreditamos que as sugestões trazidas por este artigo poderão auxiliar o professor de língua portuguesa no trabalho com o vocabulário, sobretudo, no sentido de reconhecer as marcas axiológicas subjacentes a determinadas escolhas vocabulares, a favorecer a interpretação valorativa do enunciado, desenvolver as habilidades leitoras e escritoras, à luz do Dialogismo, além de sinalizar o debate sobre as dimensões linguístico-discursivas e enunciativas do gênero em tela.

**Palavras-chave:** Ensino do Léxico. Leitura. Dialogismo

## ABSTRACT

The unimportance of lexicon teaching and learning in Portuguese language classes is undeniable. (ANTUNES, 2012). Vocabulary notions are usually limited either to short expositions about synonyms and antonyms or to indexes of meanings. In departing from the chronic discursive genre, this study aims at understanding how the practice of linguistic analysis - focused on the study of lexicon and its cohesive function - maybe developed in language teaching situations. For this purpose, the foundation of our study was based on Bakhtin Circle's dialogical conception and its respective debates in Brazil, according to Geraldí (2010), Perfect (2005), Rojo (2005), Menegassi and Polato (2017) and other scholars who conceive the lexicon as part of the social interaction process (ANTUNES, 2010; 2012; SEIDE, 2010; ILARI, 2019). In short, we believe that this article will be able to bring important suggestions of how to work with vocabulary in the teaching and learning of Portuguese language, mainly in the sense of recognizing the axiological marks underlying certain vocabulary choices, favoring the evaluative interpretation of the utterance, developing the readers and writers' skills in the light of Dialogism. This work may also bring light to the debate on the linguistic-discursive and enunciative dimensions of the genre in question.

**Keywords:** Lexicon Teaching. Reading. Dialogism.

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Mãe do Rio/PA, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2339-7448>. E-mail: [andre920530@gmail.com](mailto:andre920530@gmail.com).

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Palmas/TO, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8265-4064>. E-mail: [angelafuza@mail.uft.edu.br](mailto:angelafuza@mail.uft.edu.br)

<sup>3</sup> Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Araguaína/TO, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4322-2191>. E-mail: [anacastiglioni@hotmail.com](mailto:anacastiglioni@hotmail.com).

<sup>4</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Wanderlândia/MA, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2123-7149>. E-mail: [weigmagestar@gmail.com](mailto:weigmagestar@gmail.com).

## 1 INÍCIO DA CONVERSA

Desde as décadas finais do século XX, inúmeros estudiosos do campo da Linguística (GERALDI, 1984; 2010; PERFEITO, 2005; ANTUNES, 2003; 2010; 2012; MENDONÇA, 2006), bem como os documentos institucionais que normatizam o currículo de língua portuguesa no Brasil (BRASIL, 1998; BNCC, 2018), ao recorrerem aos pressupostos dialógicos da linguagem como fundamento teórico, têm preconizado um ensino centralizado em quatro eixos: práticas de leitura de textos, práticas de produção de textos, práticas de análise linguística e oralidade.

Essas práticas, desde que contextualizadas e interligadas ao processo de ensino e de aprendizagem, conduzem para um ensino não mais restrito às atividades de classificações, memorização de estruturas da língua e de repetição, como prescreve o ensino tradicional, mas sim para atividades reflexivas quanto ao uso social da língua, isto é, o aprendente concebe a língua na sua dimensão social, nas interações discursivas.

Nessa direção, concordamos com Mendonça (2006), ao considerar o surgimento da análise linguística como uma prática de reflexão sobre os fenômenos textual-discursivos e gramaticais que atravessam os usos linguísticos, tanto nas situações de leitura, de escuta, quanto nas de produção de texto, no sentido de promover a formação de sujeitos capazes de agir verbalmente, a julgar os objetivos pretendidos decorrentes das demandas interacionais em que estão inseridos.

Dito isso, entendemos que as demandas educacionais são inúmeras e desafiadoras. No entanto, ao observar nossas vivências pedagógicas em sala de aula, na educação básica, o ensino do léxico ainda é pouco valorizado, ora pela dificuldade metodológica de avançar para além do uso mecânico do dicionário em aula, ora pela supremacia dada a outros assuntos "gramaticais" mais "relevantes" à formação do aprendente, como se o léxico fosse dissociado da língua. Por isso, a importância de abrir espaço para o estudo léxico e suas múltiplas funções na tessitura interna e externa do texto.

Antunes (2010, p. 216) afirma que "o léxico precisa ser visto na sua dupla função: a dos sentidos que ativa e do papel que cumpre na construção do texto". No que diz respeito à primeira função, a autora nos orienta destacar as relações de significado que as palavras mantêm umas com as outras, não o significado particular de cada palavra, o que supõe o cuidado de não serem analisadas isoladamente nos estudos. Consideramos a sinonímia, a antonímia, a hiperonímia, por exemplo, textualmente relevantes, porque criam uma rede de nexos entre um ou outro ponto do texto. E, por esse viés, chegamos à segunda função de que a pesquisadora fala: constituir os arranjos que constroem o sentido pretendido na interação, ou seja, direcionar o aluno a perceber o lugar que as palavras ocupam e como se articulam para garantir a unidade do texto. Dessa forma, toda análise do léxico será mais significativa, ao considerar a interdependência das palavras na construção de um sentido global para o que é dito.

Neste artigo, focalizamos a prática de análise linguística vinculada ao estudo do gênero discursivo crônica, tomando um exemplar como mostra representativa, para compreender como essa prática, com ênfase no estudo do léxico e sua função coesiva, pode ser desenvolvida, em situações de ensino de língua, à luz da concepção dialógica defendida pelo Círculo de Bakhtin. A partir da sugestão de análise desse texto e de suas características textuais e discursivas mais relevantes, elencamos alguns encaminhamentos para implementação de atividade nas aulas de português, com o fito de desenvolver habilidades leitoras e escritoras.

Selecionamos essa abordagem geral, por acreditarmos que as ações educativas precisam incidir prioritariamente na leitura e na escrita, sendo o léxico parte integrada da língua em uso efetivo. É fundamental intervir sobre as dificuldades do aluno no processo de produção escrita<sup>5</sup> para aprimorar as habilidades e competências desses eixos, de modo que os aprendentes tenham acesso a um ensino que integre as práticas de linguagem à realidade social desse público.

Assim, temos por objetivo central apresentar uma proposta de trabalho com o vocabulário, à luz da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, no sentido de dar visibilidade e protagonismo a esse aspecto da interação verbal. Além disso, pretendemos apresentar uma alternativa para o debate sobre o vocabulário e sua função coesiva, com vistas a contribuir para a superação das dificuldades de leitura e escrita dos alunos, dando-lhes subsídios para participar das práticas sociais que requerem o uso da linguagem escrita e para progredir em estudos posteriores (BRASIL, 2018).

Para fins didáticos, este trabalho é organizado da seguinte maneira: além desta introdução e das considerações finais, inicialmente, apresentamos breves noções da linguagem e seu viés dialógico, vinculando-as às discussões sobre o ensino de vocabulário nas aulas de língua. Após, explicitamos alguns encaminhamentos didático-pedagógicos, no sentido de propor uma implementação dessa articulação teórico-prática.

## 2 O ENSINO DO VOCABULÁRIO E A PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Um dos parâmetros para um bom desempenho comunicativo, sobretudo daquele caracterizado pela formalidade e pelo prestígio social, é apresentar repertório vocabular amplo e diversificado. Ou seja, nossa disponibilidade de variar o vocabulário marca nossa postura linguística nas situações de interações a que estamos vinculados, como representantes de um grupo social. Desse modo, a ampliação do repertório lexical do aluno deve ser um dos propósitos da escola. No entanto, o que observamos é a primazia pelos tópicos normativos em detrimento à exploração do léxico nas aulas de língua portuguesa. Consequentemente, esse estudo se restringe a exercícios de identificação do significado das palavras "supostamente" desconhecidas, tem fixado atenção exclusiva ao par "sinônimo-antônimo" e focado no sentido literal das palavras, sem se apoiar nas pistas contextuais presentes nos textos para a identificação dos significados. Em suma, tem se descartado, no estudo do léxico, a perspectiva do texto e do discurso.

As discussões sobre essa temática (ANTUNES, 2010; 2012) demonstram o quanto a seleção lexical de um texto concorre para o estabelecimento de sua coerência, para a definição de sua unidade semântica. Sem dúvidas, as ambivalências, as contiguidades e as associações semânticas de um texto constituem não só a condição da unidade textual, como também a sua funcionalidade comunicativa. É evidente que essa condição é sustentada pelo concurso do léxico e da gramática da língua, por isso o professor não pode conceber esses termos de forma separada em situações de ensino, pois se correlacionam nas interações discursivas. Logo, não nos resta dúvida de que o léxico tem

<sup>5</sup> Entendemos o termo escrita não como sinônimo de produção de texto escrito. É muito mais do que essa acepção. Aqui, conforme Menegassi e Polato (2017), vemos a "escrita" como conceito que envolve as práticas de linguagem, as habilidades e as competências ligadas ao ensino, a aprendizagem, a apropriação e ao desenvolvimento da leitura, da produção textual escrita, da análise linguística, da gramática da língua e suas variadas dimensões, ou seja, num conjunto efeito de aplicações da e sobre a língua e linguagem, em situações de ensino e aprendizagem.

uma função significativa na estruturação do texto, na construção dos sentidos, na própria definição de sua adequação às condições sociais de seus contextos de uso.

Em qualquer estrutura social, as situações de uso da linguagem são bastante diversificadas, uma vez que modificam os eventos sociais em que atuamos, modificam os interlocutores pretendidos e modificam os objetivos com os quais pretendemos interagir; ou seja, tudo é observado pela ótica singular de cada situação de interação. A partir desse raciocínio, estabelecemos conexão com a concepção dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2013 [1930]; BAKHTIN, 2011 [1979]), a qual defende que o dialogismo é intrínseco à produção da linguagem, de modo a compreender que a significação das palavras acontece no trabalho dialógico, interacional entre os sujeitos situados sócio e historicamente. Segundo os estudiosos do Círculo, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta [...]” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 124). Nessa direção, com relação à questão levantada sobre o ensino do léxico, numa perspectiva dialógica da linguagem, resgatamos mais uma proposição desse autor, ao afirmar que “o signo e sua situação social estão fundidos de modo inseparável. O signo não pode ser isolado de situação social sem perder sua natureza sócio” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 135).

Entender o dialogismo é analisar a ideia de que a comunicação é sempre efetuada do locutor para o interlocutor, ou de si para si mesmo, e, ainda, por intermédio de outros ausentes, num processo constante e abrangente de interações sociais. Para Volóchinov (2017 [1929]), a linguagem é influenciada e conduzida por fatores sociais e por seus interlocutores, sendo o dialogismo uma característica da linguagem e a condição de sentido discursivo, em que o enunciador, para compor o discurso, atravessa o discurso de outrem e compartilha com ele uma interação dinâmica e tensa (BAKHTIN, 2011 [1979]).

Faraco (1996) ressalta que Bakhtin foi o primeiro pensador contemporâneo a tratar e analisar a linguagem sem necessidade de separá-la do revestimento social inerente a ela. De fato, ao mobilizar essas orientações em situações de ensino de língua, a linguagem se constitui como uma reação-resposta atendendo a uma interação verbal anterior, entre locutor e interlocutor, por intermédio dos enunciados do outro. Logo, a linguagem, inquestionavelmente, é uma atividade instituída em um processo concreto, no qual o signo se constrói ideologicamente e dialogicamente.

Sendo assim, se pensarmos a interação como a realidade da língua, o fazer pedagógico da sala de aula nos remete para o enunciado, enquanto unidade concreta e real da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011 [1979]), que está inter-relacionado às distintas condições de interação social e a outros enunciados, haja vista ser sempre resposta a outros dizeres, orientando-se sempre para o outro.

Essas considerações reconfiguram os modos de pensar o texto, entendido como objeto de ensino da língua (BRASIL, 2018). Segundo a concepção dialógica da linguagem, o texto não se mostra indiferente à situação social (seja ampla, seja imediata) a que está inserido e é produzido. Mediante a definição de Curado (2010, p. 143), o texto “apresentar-se-á como um ‘tecido de muitas vozes’, de muitos textos e discursos, vozes que se entrecruzam, que se respondem nas relações do discurso com o processo enunciativo [...]”, de modo a evidenciar o seu caráter dialógico.

Estes conceitos ligados ao Dialogismo –interação, gênero discursivo e enunciado– impactam diretamente na construção de atividades de leitura e de escrita em sala de aula, ao passo que essas práticas discursivas passam a ser consideradas como interlocuções próprias, diretamente ligadas à vida em si (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Nessa

direção, a leitura é vista como uma ação de réplica, quer dizer, o indivíduo se coloca frente aos textos e discursos, que emergem das demandas sociais e promovem discussões a partir do texto, para que seja possível responder e avaliar as posições e ideologias que constituem seus sentidos (ROJO, 2009).

Já a escrita faz referência a uma ação de linguagem efetiva, em que o sujeito-produtor registra seus posicionamentos e suas finalidades, almeja socializar com os prováveis leitores, estabelecer diálogo com eles. Em situações de ensino, a produção escrita figura um trabalho para o aluno, cujo papel reside na escrita de forma crítica e criativa. Para isso, são necessários preparo, construção, revisão, reescrita, além do trabalho do professor, pois este tem papel mediador do processo de aprendizagem, de co-enunciador dos textos dos aprendentes, exigindo-lhe, também, preparo, planejamento e avaliação. No cerne deste trabalho, está a noção processual da escrita, ou seja, a percepção de que a escrita demanda o cumprimento de etapas –o planejamento, a execução, a revisão e a reescrita (MENEGASSI, 2010; MENEGASSI; FUZA, 2012), as quais propiciam aos produtores condições de preparar seu dizer, reelaborá-lo, avaliá-lo, para atingir o objetivo comunicativo e social e estabelecer, nos termos dialógicos, a continuidade da interação.

Importa-nos, de modo especial, neste trabalho, encarar o léxico como objeto de ensino que atravessa o eixo da leitura, da análise linguística e da produção de texto. Desenvolver, junto ao aluno, habilidades de seleção e de substituição vocabular, conforme orienta a BNCC (2018):

(EF67LP06) Identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical, topicalização de elementos e seleção e hierarquização de informações, uso de 3ª pessoa e a (EF35LP08) Utilizar, ao produzir um texto, recursos de referência (por substituição lexical ou por pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos), vocabulário apropriado ao gênero, recursos de coesão pronominal (pronomes anafóricos) e articuladores de relações de sentido (tempo, causa, oposição, conclusão, comparação), com nível suficiente de informatividade. (BRASIL, 2018, p. 113).

Esse trabalho permite adequar e alterar o texto produzido/lido, evidenciando o caráter construtivo da produção textual. Um olhar mais avaliativo do aluno o faz enxergar, à luz da orientação do professor de língua portuguesa, as condições de produção do texto, ora observando se a finalidade comunicativa foi atendida, ora se o interlocutor foi alcançado, ora se o gênero e o contexto de circulação foram sinalizados devidamente, ora se as escolhas textual-discursivas e gramaticais feitas pelo produtor são adequadas ao gênero.

Para orientar a organização do ensino de análise linguística, Morais e Silva (2007) consideram duas dimensões fundamentais: textualidade e normatividade. Dentro da dimensão textualidade, os autores sugerem a discussão de aspectos como: organização, informatividade, coesão, coerência e seleção adequada do léxico. Voltamos nossa atenção a esse último aspecto, pois, para que o aluno consiga constituir um bom vocabulário, é necessário compreender o léxico de sua língua. Para isso, o professor desempenha papel fundamental quanto ao acesso às orientações do léxico nas aulas de língua, pois é importante compreender como as escolhas dos recursos expressivos que engendram o enunciado refratam e refletem discursos e valores sociais (VOLÓCHINOV, 2019 [1926]).

Por uma questão de espaço, detemo-nos a discutir sobre o vocabulário e sua função coesiva, de modo a explorar o recurso da variação lexical, o qual não diz respeito à simples

noção de evitar a repetição, conforme apresentam alguns livros didáticos, tampouco faz referência à mera operação de troca de palavras, sem que haja a mobilização de saberes de natureza linguística, cognitiva ou interacional. Afinal, Volóchinov (2017 [1929]) trata a palavra como elemento carregado de “ubiquidade social”, no sentido de que elas “são tecidas de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 141).

Trata-se de uma articulação cognitivo-discursiva decorrente da avaliação feita pelo sujeito, mediante às determinações do contexto enunciativo, da possibilidade de reconhecer uma equivalência ou de aproximação, seja no âmbito da continuidade referencial, seja no âmbito da continuidade predicativa do texto. Realizadas essas ressalvas teóricas, vejamos como essa operação pode acontecer em situações de ensino de língua.

## 2.1 Uso de palavras semanticamente equivalentes responsáveis pela coesão do texto

É variado o número de recursos que a língua dispõe para se garantir a coesão textual<sup>6</sup>. Recursos ligados ao vocabulário, como o uso de hiperônimos, de sinônimos ou de uma descrição que substituem termo já expresso, também realizam esse fator de textualidade. Dessa forma, o professor precisa perceber que a construção de um texto se dá por uma infinidade de movimentações discursivas (SOUZA; RODRIGUES, 2021), isso implica o acionamento de reiterações, de reafirmações constantes que, por sua vez, resulta na repetição de uma mesma expressão ou na sua substituição por outra equivalente.

Antes de seguirmos para análise, convém lembrarmos o que sejam a continuidade referencial e a continuidade predicativa. Apropriarmo-nos dessa distinção é relevante, pois esta orientação teórico-metodológica envolve a natureza das unidades lexicais constituintes dos nexos coesivos que pretendemos destacar. Tomaremos como base ilustrativa a crônica intitulada Lugar Mágico, assinada por Fernando Evangelista<sup>7</sup>, para exemplificar esse raciocínio.

Dito isso, a continuidade referencial é concebida no prisma da referenciação, ou melhor, ela se realiza no eixo das referências feitas aos termos de que se fala. No caso da crônica em estudo, fazem parte da continuidade referencial do texto, por exemplo, todas as expressões (eles, todos sábios, os) que retomam a referência a ‘idosos’, cujos núcleos são pronomes ou substantivos, conforme evidenciamos no excerto 1.

### Excerto 01

*Os idosos da comunidade são quase todos sábios, mas não sabem disso ou fingem não saber. Preferem jogar canastra a dar conselhos, ouvem mais do que falam, tem curiosidade pelo mundo e principalmente pelas invenções da criança, o que não os impede de sentir saudades do passado, quando soltavam pandorgas, brincavam de amarelinha e de esconde-esconde.*

Já continuidade predicativa, decorre dos vínculos criados no âmbito da predicação, isto é, no âmbito do que é predicado acerca dos indivíduos referidos. Dessa maneira, esta difere da primeira, ao passo que tem como núcleo, principalmente, verbos

<sup>6</sup> A coesão textual é um dos critérios de textualidade estabelecidos por Beaugrande & Dressler (1981).

<sup>7</sup> Esta e outras crônicas estão disponíveis no perfil *Crônicas amarelas*, da rede social *Instagram* do autor no seguinte endereço: <https://www.instagram.com/cronicasamarelas/>.

e adjetivos. No excerto 2, notemos como se mantém o sentido da predicação “Rojões e fogos de artifícios, porque o barulho assusta os bebês e bichos”.

#### Excerto 02

[...] *As casas são coloridas, há muitas crianças nas ruas e elas brincam de rolimã, bola de gude [...], mas nenhuma solta rojões e fogos de artifício porque o barulho assusta os bebês e os bichos.*

Na crônica, o eu-lírico defende o combate aos fogos de artifício, de modo que sua expressão ideológica é manifestada no texto, por meio, também, da escolha vocabular explicitada. Isso porque, ao apresentar as predicações verbais, sinaliza que os fogos e os rojões comprometem, em certa medida, a calma do lugar. Nesse processo de reconhecimento dos objetivos de determinadas escolhas linguísticas, observamos a progressão temática garantida pela coesão das partes do texto, da unidade, por exemplo. Assim, esse trabalho contribui para ampliar a consciência socioideológica dos aprendentes e favorece sua interpretação valorativa. Afinal, não é possível abordar indivíduos, épocas históricas ou formações sociais sem mencionar a ideologia, pois as avaliações sociais estão intrinsecamente ligadas a ela.

Situando-nos, inicialmente, na continuidade referencial, observemos algumas situações que envolvem procedimentos de variação lexical. Na próxima seção, daremos enfoque a dois procedimentos, a saber: a sinonímia e a hiperonímia.

## 2.2 A sinonímia a serviço da coesão do texto

No meio científico, já é consenso o princípio de que não existe sinônimo perfeito. De forma intuitiva, os sujeitos, em geral, também têm essa consciência. Ou seja, de maneira explícita ou não, somos capazes de reconhecer que os sentidos das palavras admitem uma espécie de gradação, a ponto de, minimamente, distingui-las. Afinal, reconhecer-se alegre não é o mesmo que estar contente. Esses detalhes de diferenciação decorrem da própria ação dos falantes em suas atividades de linguagem, cujos sentidos das palavras agregam novos ajustes, sofrem extensões ou restrições, ou mesmo outros valores para além daqueles já sedimentados.

De fato, os significados das palavras assumem diferentes contornos semânticos para além dos significados conceituais, pois, ao longo dos tempos, as palavras também são reconhecidas pelos seus significados afetivos. Por isso, ‘bela’ e ‘linda’ não correspondem exatamente ao mesmo grau de beleza e, portanto, não são intercambiáveis. Isso porque, nos domínios sociais em que as representações dessas distinções predominam –na maioria das vezes, pelo viés valorativo do sujeito– é comum a geração desses significados afetivos.

O recurso estilístico eufemismo, por exemplo, – ferramenta perspicaz nas situações de polidez discursiva– em que se expressam diferentes modos de atenuar esses julgamentos de valores. O ‘mentiroso’ torna-se ‘omisso’, a ‘mentira’ é vista como inverdade ou mesmo ‘ausência de verdade’. Essas escolhas linguísticas presentes no discurso são oriundas das intenções do sujeito e recaem na forma como o projeto de dizer será construído. Conforme comenta Faraco (2009), “o estilo se constrói a partir de uma orientação social de caráter apreciativo: as seleções e escolhas são, primordialmente, tomadas de posições axiológicas frente à realidade linguística, incluindo o vasto universo de vozes sociais” (FARACO, 2009, p. 21). Dessa forma, para uma perspectiva dialógica de ordem sociológica de abordagem do gênero e dos aspectos linguístico-enunciativos e

discursivos, incluindo o vocabulário, importa como todas as escolhas se dissolvem axiologicamente para a formação do todo valorativo do enunciado. Afinal, os falantes interferem no destino das palavras, à medida que lhes parece conveniente, face às suas necessidades de interação.

Ao explorar essas discussões teóricas em situações de ensino e aprendizagem de língua, no âmbito da sinonímia, é factual pensarmos que a maioria das variações lexicais acontece entre uma palavra e seu sinônimo. Ora, é provável que o aluno perceba a dificuldade de encontrar uma palavra que tenha exatamente o sentido da outra e, assim, possa trocá-la com inequívoca equivalência semântica. Por esse motivo, recorre-se ao uso de um hiperônimo ou de uma descrição equivalente, a julgar o contexto de elaboração do texto (SEIDE, 2010).

A partir dessa constatação, fica clara a pouca relevância de se estudar “listas isoladas de sinônimos” ou de substituir palavras por outras “do mesmo sentido”, em duas frases distintas. É na cadeia do texto que a sinonímia ganha importância, porque a palavra e seu sinônimo –ambos presentes– estabelecem um elo, um nexos que marca a continuidade do texto para a coesão se instaurar.

Além desse ponto, poderíamos explorar o fato de que nem sempre duas palavras dadas como sinônimas no dicionário equivalem-se no interior do texto; vice-versa, na maioria das vezes, algumas palavras não sinônimas podem em um texto desempenhar tal papel. Ora, não pretendemos aqui propor uma equivalência absoluta, pois não seria possível. O importante é o aluno reconhecer a correspondência aproximada, além de perceber como essa ferramenta linguística colabora para os arranjos coesivos do enunciado. Vejamos o excerto 3 extraído da crônica já citada aqui.

#### **Excerto 03**

*[...] A monotonia não é bem-vinda na comunidade. De vez em quando, de mãos dadas, entram sorradeiras a desesperança e a má notícia. Já a homofobia, o racismo, o machismo e outros 'ismos' ruins estão proibidos de entrar [...]*

Embora não haja uma relação estrita de sinonímia, faz sentido reconhecer a maneira como as expressões adjetivas “bem-vinda”, “sorradeiras” e “ruins” caracterizam bem a atribuição de valoração negativa aos substantivos correspondentes (monotonia; desesperança e má notícia; homofobia, racismo e machismo, respectivamente). São equivalências ou aproximações –algumas mais consolidadas que outras– que se fundam nos modos consensuais do sujeito perceber e agir sobre a realidade. Quanto a esse respeito, Geraldí (1984) afirma que o indivíduo emprega a linguagem não somente para expressar pensamentos ou transmitir conhecimentos, mas também para agir, atuar sobre o outro e sobre o mundo. Na crônica em estudo, por meio da organização da sequência vocabular, podemos reconhecer um sujeito atuante e posicionado sócio ideologicamente na sua produção linguística, via texto/discurso.

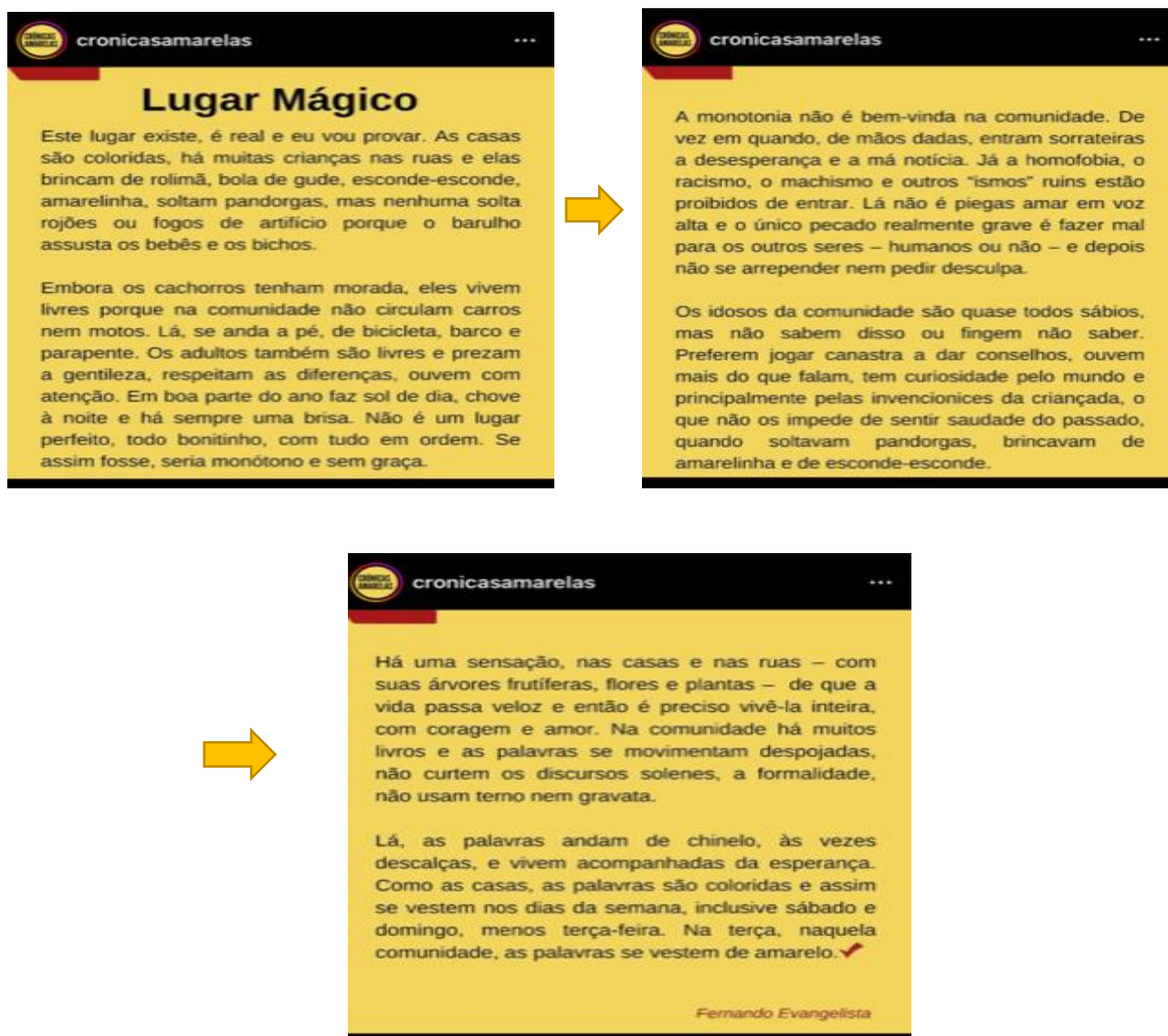
### **3 ENCAMINHAMENTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS PARA O TRABALHO COM O VOCABULÁRIO EM PERSPECTIVA DIALÓGICA**

Nesta seção, apresentamos uma proposta de implementação teórico-metodológica para o trabalho com análise linguística com nuances dialógicas com sugestões para o professor pensar o estudo epilinguístico e metalinguístico voltado ao ensino do vocabulário, a partir do gênero discursivo crônica. O texto “Lugar Mágico” é



assinado por Fernando Evangelista, autor de uma página virtual, no *Instagram*, intitulada “Crônicas Amarelas”.

Figura 1: Print Screen da tela, publicação da Crônica “Lugar Mágico”



Fonte: Autores da Pesquisa (2023)

Para tanto, fundamentamos essa prospecção nos ensinamentos de Rojo (2005) e Menegassi e Polato (2017), ao tratarem sobre análise linguística em perspectiva dialógica. A proposta de implementação é apresentada em dois blocos, a contemplar a exploração do contexto de produção e as orientações epilinguísticas e metalinguísticas. Em razão do espaço dedicado a esta publicação, essas etapas serão apresentadas de forma breve e os encaminhamentos serão específicos. Certamente, não impedirá o professor de fazer alterações, ampliações e substituições, a considerar o nível escolar do público-alvo e o objetivo de aprendizagem a ser alcançado.

### 3.1 Exploração do contexto de produção

Ao trabalharem os aspectos do contexto de produção, o professor e o aluno percebem as condições de produção e percepção do texto, mobilizado em gênero discursivo, a compreendê-lo como um feito histórico na realidade circundante

(MEDVIÉDEV, 2019 [1928]). De fato, são acionadas características básicas do momento da interação, a saber: o nome do gênero discursivo reconhecido socialmente, o meio social de sua circulação, o veículo de comunicação utilizado para divulgação, o autor do enunciado, a finalidade pretendida, o conteúdo temático, o interlocutor preferencial, entre outros elementos que permitem o reconhecimento de quais condições o enunciado foi produzido e recepcionado na situação de interação. No Quadro 1, podemos perceber essas especificidades do contexto de produção. O professor pode realizar oralmente essa atividade de reconhecimento junto aos alunos.

**Quadro 1:** Bloco do contexto de produção do enunciado

CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO ENUNCIADO		
- Qual o nome do gênero discursivo em estudo;	- Qual a finalidade pretendida ao criar esta crônica?	- Qual o conteúdo temático tratado no texto?
- Quem é o autor da crônica? Qual a posição social dele?	- Onde circula, inicialmente, a crônica em estudo?	- Qual o recorte temático feito para a confecção da narrativa?
- Qual o título da crônica		- Quais os prováveis leitores do texto?

**Fonte:** Autores da pesquisa (2023)

Ao partir dessas reflexões, o aluno começa o processo de reconhecimento dos elementos responsáveis pela produção do enunciado "Lugar Mágico", de autoria de Fernando Evangelista, profissional que tem se firmado na cadeia de discurso literário contemporâneo, a partir dos domínios dos temas comuns ao cotidiano vivido, como contrapalavra às notícias ruins tão presentes em nossos dias. O autor explora o respeito às diversidades, o apreço pela esperança e o cuidado com as crianças, idosos e animais, sobretudo, o anseio de viver em um lugar tranquilo e feliz, de modo a assumir o papel de criador de uma página literária, cujo espaço preza pela tolerância, gentileza e o diálogo. As vozes que circulam nas crônicas são inerentes aos valores sociais e culturais que se refratam e refletem em papéis pré-estabelecidos para indivíduos de uma sociedade, infelizmente, ainda caracterizada pela desigualdade, desrespeito e intolerâncias.

A proposta de Fernando Evangelista, ao que nos parece, é lançar mão dos gêneros literários, da linguagem simples para construir histórias a quem tem paixão. Esse tipo de proposição busca romper com as condutas sociais representativas que deslegitimam a pluralidade do país, de modo que o autor se une a outros autores contemporâneos, como Jeferson Tenório<sup>8</sup>, a demarcar sua posição valorativa na busca por dias melhores.

O autor Fernando Evangelista é jornalista, mora em Florianópolis, torce para o Avaí. É o criador das Crônicas amarelas. O perfil oferece algumas informações quanto aos princípios que regem a página digital, nas próprias palavras de Evangelista (2021):

Esta comunidade respeita a democracia e a liberdade, os direitos humanos e os direitos dos animais. Aqui toda vida é sagrada. Aqui ninguém tem medo de falar de amor. Este é o espaço de quem está de saco cheio de notícia ruim. Aqui é lugar de afeto e esperança. A comunidade de quem tem paixão pela leitura (EVANGELISTA, 2021).

Basta o acesso a outras crônicas do autor, como "Aqui é o Brasil" e "Coragem", por exemplo, para percebemos a coerência enunciativa presente na arquitetônica da coletânea de textos do autor. Para discorrer o tema em torno dessas questões, o autor

<sup>8</sup> Autor do romance *O Averso da Pele*, vencedor do prêmio Jabuti, na categoria Romance literário, em 2022. Seu texto discute sobre identidade e as complexas relações sociais, sobre violência e negritude, *O Averso da Pele* é uma obra contundente no panorama da nova ficção literária brasileira.

seleciona a crônica, gênero privilegiado para tensionar valores sociais. Nesta seção, interessa-nos explorar algumas nuances do dialogismo para o trabalho com atividades epilinguísticas e metalinguísticas, a favorecer a interpretação valorativa dos alunos, orientada pela seleção vocabular realizada. Isso porque, ao considerar o princípio de que todo enunciado concreto e social, por sua gênese, expressa valores humanos em seu discurso, materializado em gêneros discursivos, o texto em estudo representa bem a constituição dessa cadeia comunicativa e valorada.

Nessa direção, Volóchinov (2017 [1929], p. 236) ressalta que “todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia”. Assim, na interação dos leitores com o texto de Fernando Evangelista não só se reconhecem os conteúdos e os fatos cotidianos do homem no mundo, como também se mobilizam apreciações valorativas acerca das relações humanas, o que é próprio do gênero discursivo crônica. Tudo isso se representa no discurso de forma variada e se consolida, propriamente, no estilo verbal peculiar empregado, conforme demonstraremos na sub-seção seguinte.

### 3.2 Orientações para as atividades epilinguísticas e metalinguísticas<sup>9</sup>

A crônica eleita para análise discorre sobre algumas características comuns de um lugar bom para se viver. Apesar da definição “Lugar Mágico”, o autor descarta a perfeição do ambiente, mas, tematicamente, alerta para o respeito aos que pensam diferente de nós, o cuidado com os mais velhos e as crianças, afirma que os sentimentos ruins dão espaço para o amor, a esperança, as brincadeiras, as árvores frutíferas, a coragem para se viver, uma vez que a vida é breve. E ainda, metaforicamente, fala da importância da leitura, do acesso ao conhecimento.

O autor combina vozes sociais para constituir seu discurso. Aqui, nos interessa explicitar como isso se materializa no plano linguístico-discursivo, concomitantemente, pois esse vínculo é indissociável (BAKHTIN, 2011 [1979]). Do ponto de vista gramatical, o discurso é predominantemente constituído por orações coordenadas sindéticas e assindéticas com argumentos encaixados, geralmente sinalizadores de acréscimo de vozes. O autor faz escolhas vocabulares e sintáticas estratégicas, não só para a constituição coerente das partes do texto, como também para a construção da lógica argumentativa e, por conta disso, recorre aos períodos marcados por conjunção.

Na obra “Questões de Estilística no ensino de língua”, Bakhtin (2013) aponta a clara noção de que a presença dos conectivos prima pela relação lógico-semântica, no entanto, nem sempre o extraverbal e os aspectos entonacionais são explorados pelo leitor. A entonação social impera nesses casos, como se apresenta no primeiro parágrafo da crônica de Evangelista. Em contrapartida, a julgar o fator social, o autor, no mesmo trecho, dialogicamente constitui seu discurso, ao apresentar signos ideológicos e blocos de juízo e de valor próprios ou alusivos a uma consciência social esperançosa, por acreditar na existência de um lugar melhor para se viver.

Já no título, o uso da expressão nominal “Lugar Mágico” sumariza o conteúdo temático a ser desenvolvido na crônica. Ao narrar como seria este ambiente, como se comportariam as pessoas, quais as regras de convivência e os hábitos a serem evitados, o

<sup>9</sup> Tomando por base as reflexões de Franchi (1987) e Geraldi (1997), as atividades epilinguísticas contemplam o plano axiológico e as relações dialógicas, para a compreensão valorada do discurso mobilizada no gênero, enquanto as atividades metalinguísticas reúnem estudos sobre a sistema da língua.

autor traz a postura esperançosa de viver em um lugar distante das adversidades, das intolerâncias e dos desrespeitos. Essa expressão adianta a temática a ser compartilhada com o leitor e funciona como uma contextualização em relação ao lugar, já que, socialmente, a maioria dos leitores queriam estar/viver em um espaço assim. Nesse caso específico, o professor leva o aluno a perceber o juízo de valor explicitado no uso da expressão adjetiva, a voz do narrador-observador é uma consciência possível, seu agir está diretamente ligado a sua consciência, como acontece na vida real.

Aqui, e em outros pontos da crônica, os blocos de juízo de valor nada mais são que representação de atos, de modo que tanto refratam quanto refletem conteúdos ideológicos e o próprio sujeito que os pratica. Observemos como a estrutura: “Este lugar (mágico) existe, é real e eu vou provar” serve de oração principal de várias estruturas representativas de indícios do lugar ideal, conforme o Quadro 2:

**Quadro 2:** Relação linguístico-valorativa entre as partes do texto

1ª oração do 1º parágrafo	Orações/blocos de juízo de valor
Este lugar (mágico) existe, é real e eu vou provar [...]	1. As casas são coloridas, [...]
	2. Há muitas crianças nas ruas e elas brincam de rolimã, bola de gude, esconde-esconde, amarelinha, soltam pandorgas,
	3. mas nenhuma solta rojões ou fogos de artifícios, 4. porque o barulho assusta os bêbes e os bichos.

Fonte: Autores da pesquisa (2023)

Ao descrever o lugar mágico, o autor mobiliza várias sequências descritivas, sem incorrer no uso excessivo dos marcadores das relações lógico-semânticas. O professor e o aluno podem perceber que em 1 e 2, há implicitamente uma relação de explicação, pois, para sinalizar gradativamente as justificativas do ambiente ser agradável, o autor recorre a elipses e ao uso explícito desses modalizadores, a engendrar no discurso as vozes sociais que lhe são representadas. A voz que se apresenta na 1ª oração, portanto, passa a funcionar como uma voz social (VOLÓCHINOV, 2019 [1926]) que representa consciências sociais possíveis. Observemos como ocorrem alguns arranjos gramaticais, a partir da sequência numerada disposta no Quadro 2, como mostra representativa do todo.

Do ponto de vista linguístico, podemos considerar a retomada anafórica do termo “lugar” pelo uso elíptico do advérbio “Lá”, facilmente acionado no início das estruturas em 1 e 2. Veja: [Lá] As casas são coloridas; [Lá] há muitas crianças nas ruas [...]. Logo, esse arranjo serve de base para a construção discursiva do narrador, a ocorrer um engendramento de uma oração coordenada com o predicado nominal “são coloridas”. Já do ponto de vista de sua propriedade discursiva (CASTILHO, 2010), remete à compreensão do narrador-personagem do lugar a que se refere, representando o desejo de ficar em um lugar vívido, refletindo os valores refratados pela sociedade nesse indivíduo. Ao ampliar das reflexões epilinguísticas (GERALDI, 1991), percebemos a força valorativa que tem a escolha vocabular de “coloridas”. Por que as casas são coloridas? Certamente, por acreditar que um ambiente vibrante e alegre é socialmente legitimado se for caracterizado pelo uso das cores.

Como se observa na primeira parte da crônica e também na vida, o desejo de morar em um lugar alegre, aconchegante, colorido é consenso social. No entanto, a realidade de muitos brasileiros e brasileiras está distante do que retrata a ficção aqui apresentada, o descaso governamental e o egoísmo humano têm sido nítidos motivos para o não acesso

à moradia digna. Os noticiários jornalísticos, os dados divulgados pelos órgãos governamentais, a literatura, os movimentos sociais denunciam esta problemática.

Diante desse contexto, enquanto professores-pesquisadores, é necessário desenvolver a compreensão sócio-histórica, cultural e ideológica do que somos, para que a formação da consciência de jovens estudantes se amplie para o combate a uma cultura escravocrata, desigual, injusta e incoerente. Tais reflexões, decorrentes das práticas de análise linguística em nuances dialógicas, ajudam a compreender as valorações mobilizadas nos enunciados, bem como discutir a pertinência de temas voltados às discussões da linguagem em situações de ensino.

Ao reestabelecer nossa atenção à sequência de encaminhamentos, vemos ainda a valoração no cronotopo da narrativa na crônica "Lugar Mágico" uma configuração aberta, pois o autor não situa as personagens em tempo e espaço determinados linguisticamente, por se valer de marcas linguísticas gerais para fornecer ao leitor entrada para suas próprias valorações espaço-temporais. Nesse caso, "a obra e o mundo nela representado penetram no mundo real enriquecendo-o, [...] numa constante renovação da obra e numa percepção criativa dos ouvintes-leitores" (BAKHTIN, 2002 [1975], p. 358). Dessa forma, no texto em estudo, é possível partir do "cronotopo criativo particular" (BAKHTIN, 2002 [1975], p. 359). O aluno-leitor é levado a compreender como ocorre essa troca da obra com a sua vida, uma vez que o cronotopo pode ser associado a sua vivência no bairro, em um sítio ou a algum lugar que viu em revistas ou em mídias sociais.

Ainda sobre o segundo bloco de orações, em 2, percebemos o uso da expressão adverbial "nas ruas" que altera o sentido da oração "Há muitas crianças", ao orientar o leitor para a sensação de liberdade, o referente "crianças" é retomado pelo uso pronominal, conforme se vê em "elas brincam". A própria valoração atribuída ao verbo eleito para indicar a ação das crianças contribui para a condição de boa convivência remetida, desde o título da crônica. Na sequência, há o alinhamento de vários complementos verbais para formar uma enumeração de brincadeiras infantis "de rolimã, bola de gude, esconde-esconde e amarelinhas", a revelar a dinâmica de ações desse grupo social, ações caracterizadas pela socialização de forma divertida.

Ainda no interior desse bloco, em 3, o período é iniciado com uma conjunção adversativa "mas", a demarcar o início do argumento mais forte "mas nenhuma delas solta rojões e fogos de artifício" ligado à oração principal. Ao contrastar as ações das crianças (brincar X soltar), percebemos a orientação social do que se deve ou não fazer em sociedade, por isso a escolha verbal conjugada faz referência às crianças e põe em foco o negativo valor social desta ação, também reforçado pelo uso do pronome indefinido "nenhuma". Em seguida, mais um argumento ou bloco de juízo de valor é lançado, conforme vemos em 4, "porque o barulho assusta os bêbes e os bichos", introduzido pela conjunção causal, ao imprimir um motivo de as crianças não soltarem rojões e nem fogos de artifício.

No caso do cronista, ele defende o combate aos fogos de artifício, pois essa percepção ideológica é manifestada no texto, por meio, também, da seleção vocabular adequada. Isso porque, no momento em que o autor apresenta as predicções dos verbos, sinaliza que os fogos e os rojões poderiam afetar a tranquilidade do lugar, descrito desde o título. Nesse processo de ampliação da consciência socioideológica dos aprendentes, a compreensão de aspectos sociais, como os elementos do contexto de produção do enunciado e as marcas linguístico-discursivas que o compõe, por exemplo, são imprescindíveis para a interpretação valorativa no enunciado.

Munido dessa discussão, o professor de linguagem consegue mobilizar informações sobre o processo de interação discursiva que está no centro das relações sociais, pois a consciência dos sujeitos se forma somente em interação dialógica com outras, a partir da mediação dos signos linguísticos, que acumulam valorações quantitativas, doravante a historicidade do discurso (BAKHTIN, 2002 [1975]).

A habilidade do autor em exaurir o tema da crônica sob um ponto de vista específico é claramente argumentativa, porque convoca o leitor a se manifestar, gera um embate interno de ideias. Esse movimento ideológico, fruto de suas consciências sociais independentes e carregadas de valores, permite que esse sujeito constitua uma nova consciência, isto é, realize sua compreensão responsiva. Por essa razão, Bakhtin (2011 [1979]) afirma que a formação humana é livre: uma nova consciência se molda a partir do embate com outras e novas consciências implicam novas ações.

Do ponto de vista gramatical, no trecho analisado, notamos a importância das práticas metalinguísticas, pois envolvem a compreensão das estruturas mobilizadas. Por essa razão, trabalhar as práticas metalinguísticas não se limita às categorizações e às classificações, é preciso avançar, partir de uma interpretação valorativa, sociológica para o aluno operar de forma consciente sobre a língua em uso. Essas atividades devem vir após as de caráter epilinguístico, conforme sugerem Franchi (1987) e Gerdali (1991), dando ênfase ao modo como o tema é exaurido no enunciado, isto é, depreender as estratégias de dizer mobilizadas no projeto de compreensão lançado ao interlocutor.

São inúmeras as possibilidades de escolha dos tópicos sintático-morfológicos para o trabalho com a língua. Como vimos, no primeiro parágrafo, há uma prevalência de um tom argumentativo, engrandecido por articulações subordinativas e coordenativas, as quais recrutam relações lógico-semânticas socialmente reconhecidas e, dessa forma, também valorativa, conforme o Quadro 3.

**Quadro 3-** Possibilidades de objeto de estudos metalinguísticos

Do nível sintático	Do nível morfológico
- Orações coordenadas sindéticas adversativas;	- O papel dos substantivos;
- Orações coordenadas assindéticas;	- O sentido das formas verbais;
- Orações subordinadas adverbiais causais;	- O efeito dos pronomes e conjunções;
- Adjuntos adverbiais de lugar.	- O uso das expressões adjetivas.

Fonte: Os autores da pesquisa (2023)

Ao partir da primeira parte da crônica, como mostra representativa da análise pretendida, o professor pode seguir, ampliar e alterar essas orientações para o restante do enunciado ou a outros enunciados. Pode-se escolher um dos níveis, ou discutir os dois, especificar as escolhas pertinentes ao nível dos alunos e constituir um trabalho com nuances dialógicas, a corroborar a compreensão do discurso e não simplesmente das formas isoladas, conforme o Círculo de Bakhtin tanto defrontava.

#### 4 CONSIDERAÇÕES (IN) CONCLUSIVAS

Conforme discutimos neste trabalho, a linguagem é concebida de maneira diferente a cada momento social, ao constatar seu caráter dinâmico nas relações sociais. Mesmo com as mudanças de paradigmas, ainda vemos uma situação de crise no ensino, especialmente no de língua, demonstrada pelos baixos níveis de desempenho linguístico dos nossos alunos.

Nessa esteira, o estudo do léxico em sala de aula segue pouco explorado nas práticas de análise linguística e de leitura. Diante desse cenário, o professor de língua pode e deve explorar o conhecimento do léxico no desenvolvimento das competências discentes para a expressão oral e escrita clara e fluente, bem como a ampliação da interpretação valorada dos recursos linguísticos mobilizados para a compreensão do vocabulário, a atentar para a riqueza da variação vocabular, adequada às necessidades de cada situação comunicativa.

É importante lembrar ainda que as atividades epilinguísticas e metalinguísticas contribuem para reflexões sobre a mobilização de valorações, de apreciações, da dialogicidade de vozes sociais na composição valorada do discurso e na parte percebida do texto por meio das operações valorativas com e sobre a linguagem. Desse modo, seguimos com a tarefa de despertar os alunos para compreenderem o movimento constante do léxico, a atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua, bem como a dinâmica da vivência cultural dos grupos e os sentidos ali refletidos e refratados em sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ANTUNES, I. **Território das palavras**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAKHTIN, M. M. Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica). In: BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. São Paulo: Ed da Unesp, 2002 [1975]. p. 211-362.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].
- BAKHTIN, M. M. **Questões de Estilística no Ensino de Língua**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013..
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CASTILHO, A. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CURADO, O. H. F. Linguagem dialógica: práticas de leitura e produção de texto. In: OSORIO, E. M. R. (org.). **Mikhail Bakhtin: cultura e vida**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 141-151.
- EVANGELISTA, F. **Crônicas amarelas**. Disponível em: <https://www.instagram.com/cronicasamarelas/> Acesso em: 03 jun. 2022.
- FARACO, C. A.; MOURA, F. M. de. **Gramática**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

- FRANCHI, C. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 9, n. 1, p. 5-45, 1987.
- FUZA, A. F.; MENEGASSI, R. J. Revisão e reescrita de textos a partir do gênero textual conto infantil. **Diálogo das Letras**, v. 1, p. 41-56, 2012.
- GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (org.) **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes: 1991.
- GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2019.
- MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários**. São Paulo: Contexto, 2019 [1928].
- MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (org.). **Português no ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 109-226.
- MENEGASSI, R. J. O leitor e o processo de leitura. In: GRECO, E. A.; GUIMARÃES, T. B. (org.). **Leitura: compreensão e interpretação de textos em Língua Portuguesa**. Maringá: EDUEM, 2010. p. 35-59.
- MORAIS, A. G.; SILVA, A. Produção de textos escritos e análise linguística na escola. In: LEAL, T. F.; BRANDÃO A. C. P. (org.). **Produção de textos na escola: reflexões e prática no Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.135-150.
- PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: SANTOS, A. R.; RITTER, L. C. B. (org.). **Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa**. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-75.
- POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, J. R. O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. **Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso**, v. 12, n. 1, p. 123-143, 2017.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184- 207.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SEIDE, M. S. Uso de hiperônimo como elemento coesivo em textos jornalísticos. In: BARROS, L. A.; ISQUERDO, A. N. (org.). **O léxico em foco: múltiplos olhares**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 349-365.
- SOUZA, A. F. P. de; RODRIGUES, Á. B. Uma análise semântico-argumentativa de textos de alunos do 8º ano: o trabalho com o gênero carta do leitor em sala de aula. **Diálogo das Letras**, v. 10, n. 1, p. 1-19, 2021.



VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução, organização, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].

VOLÓCHINOV, V. Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013[1926]. p. 71-100.

VOLÓCHINOV, V. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: VOLÓCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930]. p. 213-250.

VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 1. ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

Artigo recebido em: 14/04/2023

Artigo aprovado em: 18/05/2023

Artigo publicado em: 21/06/2023

#### COMO CITAR

SOUZA, A. F. P. de; FUZA, A. F.; CASTIGLIONI, A. C.; SILVA, W. M. da. Dialogismo, léxico e ensino: uma proposta teórico-metodológica para o trabalho com o vocabulário e sua função coesiva. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 12, p. 1-17, e02308, 2023.